

LINGUAGEM LITERÁRIA E HISTÓRIA EM *O CAMPO E A CIDADE: NA HISTÓRIA E NA LITERATURA*

Carlos Alberto Alves de Souza*

Williams, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*: São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

O inglês Raymond Williams, historiador da “cultura”, participando de intensos debates no interior da Universidade de Cambridge, a partir de 1939, teve a oportunidade de aprofundar o seu relacionamento com o marxismo, produzindo, já como professor daquela instituição, escritos sobre Literatura. Realizou uma releitura da obra de Marx, estudando conceitos como “cultura”, “estrutura”, “hegemonia”, “civilização”, “ideologia” e “tradição”, levantando questionamentos importantes. Em sua obra *Marxismo e Literatura*, nos diz que

quando percebemos de súbito que os conceitos mais básicos - os conceitos, como se diz, dos quais partimos - não são conceitos, mas problemas, e não problemas analíticos, mas movimentos históricos ainda não definidos, não há sentido em se dar ouvidos aos seus apelos ou seus entrecosques ressonantes. Resta-nos apenas, se o pudermos, recuperar a substância de que suas formas foram separadas (Williams, 1979, p.17).

É sob a égide de um pensamento diferente a respeito do conceito de “cultura” em relação, por exemplo, aos “marxismos” reducionistas, historizado e desenvolvido por Raymond Williams, que se contextualiza a sua obra *O Campo e a Cidade*, de 439 páginas, publicada no Brasil em 1989 pela Companhia das Letras, examinando os “modos de vidas” rural e urbano, utilizando a literatura inglesa, do século XVI ao XX, como fonte histórica para a sua produção. São 25 capítulos que apresentam as mudanças ocorridas na sociedade inglesa, no campo e na cidade, com análises das transformações essenciais de mentalidades e comportamentos na Inglaterra nos últimos séculos.

* Professor da Universidade Federal do Acre, doutorando do Programa de História, PUC-SP.

Raymond Williams procura caracterizar que as culturas do campo e da cidade têm grande representatividade na vida das comunidades humanas. São realizações humanas, com seus contrastes fundamentais, muitas vezes reduzidas a comparações discutíveis, como por exemplo, a de considerar o campo associado a uma forma natural de vida - de paz, de inocência e virtudes simples, como lugar de atraso, ignorância e limitação. A de associar a cidade à idéia de centro de realizações - de saber, comunicação, luz, como lugar de barulho, mundanidade e ambição. Mero equívoco. Para Williams, a realidade histórica mostra que a forma de vida campestre engloba as mais diversas práticas e a cidade aparece sob diversas formas.

Para Raymond Williams, “a vida do campo e da cidade é móvel e presente; move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e idéias, através de uma rede de relacionamentos e decisões” (Williams, 1989; p.19). Estudar essas vidas, essas culturas, concretamente, é para cada autor um problema de perspectiva. A sua perspectiva é de analisar o campo e a cidade a partir de experiências e sensibilidades vividas, por intermédio de fontes literárias, produzidas por autores que deram ao campo e à cidade significados diferentes, em épocas diferentes, fazendo fluir valores bem diferenciados. Com isto, emerge uma discussão a respeito da simbologia das poesias “bucólicas” e “não-bucólicas”, de diferentes poetas ingleses e suas referências ao campo e à cidade, em pleno desenrolar das transformações causadas pela Revolução Industrial. A problemática de Williams, a todo momento, é mostrar as transformações ocorridas na Inglaterra, antes e durante a Revolução Industrial, identificando a formação social de uma população inglesa bem nos primórdios da formação do capitalismo naquele país.

As transformações ocorridas no campo e na cidade, na Inglaterra, vistas por Raymond Williams, são acompanhadas também por mudanças no interior da literatura inglesa: poemas que tratam sobre o refúgio no campo; poemas sobre mansões senhoriais; literatura como objeto de pregação moral e ligada à ética do melhoramento. O romance, no século XVI, por exemplo, foi a forma mais criativa da época. A literatura vai assumindo características bem diferentes em sua maneira de “ver” o campo e a cidade, do século XVI ao XX, estimulada pelas mudanças que se apresentavam no social, na cultura rural e na cultura urbana inglesas, onde, por exemplo, o processo de expropriação camponesa, causada pelo capitalismo agrário, em desenvolvimento na Inglaterra, é bastante forte. O processo de cercamento é visto como um processo que tinha raízes desde o século XIII, e atingiria um primeiro climax nos séculos XV e XVI. Para Williams,